

DIDIER ERIBON

REFLEXÕES SOBRE  
A QUESTÃO GAY



*Companhia*

## VIII

# A INTERPELAÇÃO HETEROSSEXUAL

Assim, os *gays* vivem num mundo de injúrias. A linguagem os cerca, os encerra, os designa. O mundo os insulta, fala deles, do que dizem de si. As palavras da vida cotidiana tanto quanto as do discurso psiquiátrico, político, jurídico, atribuem a cada um deles e a todos coletivamente um lugar – inferiorizado – na ordem social. Mas essa linguagem os precedeu: o mundo de injúrias está ali antes deles, e deles se apodera antes mesmo que possam saber o que são.

No início do livro que dedicou à “injúria verbal” (*hate speech*), Judith Butler interroga-se sobre a questão de saber se o ser social dos indivíduos não é fundamentalmente dependente da possibilidade de ser o objeto da fala do outro, antes mesmo de ser efetivamente exprimida. Não existimos porque somos “reconhecidos”, mas porque somos “reconhecíveis”<sup>110</sup>. A fala endereçada é anterior, em sua possibilidade, a todas as suas atualizações. “Se somos formados na linguagem, escreve ela, então, esse poder formador precede e condiciona toda decisão que podemos ter a seu respeito, e ele nos insulta desde o início, por assim dizer, por esse poder anterior”<sup>111</sup>. Assim, a injúria, no sentido próprio, seria apenas um caso particular desse poder constitutivo e “insultante” da linguagem.

Dessa forma, Judith Butler confere à linguagem o papel que Louis Althusser, ao elaborar a noção de “interpelação”, dava à “ideologia”. Com efeito, Althusser escreve, num artigo dedicado aos “aparelhos ideológicos de Estado”, que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”. E, para explicar essa idéia de “interpelação”,

<sup>110</sup> Judith Butler, *Excitable Speech. A Politics of the Performative*, Nova York e Londres, Routledge, 1997, p. 5-6.

<sup>111</sup> *Ibid.*, p. 2.

ele recorre ao que chama de “pequeno teatro teórico”, imaginando uma cena em que um policial grita para alguém: “Ei! Você aí!” E ele comenta: “Se supusermos que a cena teórica imaginada passa-se na rua, o indivíduo interpelado dá a volta. Por essa simples conversão física a 180°, ele se torna sujeito. Por quê? Porque reconheceu que a interpelação ‘de fato’ se dirigia a ele e que ‘era *bem ele quem* era interpelado’, e não um outro. A experiência mostra que as telecomunicações práticas da interpelação são tais que a interpelação praticamente nunca deixa de pegar seu homem”<sup>112</sup>.

Com efeito, Althusser precisa que, na realidade do funcionamento da ideologia, não há sucessão temporal (primeiramente, a interpelação; depois, o fato de se reconhecer como aquele que é interpelado): “É a única e mesma coisa a ideologia e a interpelação dos indivíduos em sujeitos”<sup>113</sup>. Por conseguinte, já que a ideologia precede o nascimento dos indivíduos que ela interpela, Althusser pode dizer que “a ideologia do ‘sempre-já’ interpelou os indivíduos em sujeitos” e que os indivíduos, antes mesmo de nascerem e, portanto, desde o nascimento, são “sempre-já” sujeitos constituídos pela ideologia que molda o mundo a que chegam<sup>114</sup>.

Talvez seja preciso deixar de lado essa noção um pouco maciça de “ideologia”, que, por ser sugestiva, seguramente não dá conta da diversidade dos processos em ação. Não há “uma” ideologia, e talvez fosse melhor falar, como faz Bourdieu ao se apoiar em seu trabalho de antropólogo na Cabília, de estruturas cognitivas ou mais exatamente de esquemas de percepção, e colocar a questão da adequação quase miraculosa das estruturas cognitivas individuais às estruturas cognitivas da sociedade e às próprias estruturas sociais, isto é, da constituição dos “inconscientes”, dos “*habitus*” individuais adaptados ao mundo à volta, da incorporação nos cérebros da história coletiva e das estruturas sociais e sexuais que são disso os produtos. E, portanto, interrogar os processos pelos quais se forja essa adequação<sup>115</sup>. Mas a idéia de Althusser segundo a qual o “sujeito” (a subjetividade) é “sujeitado” pela “interpelação” que lhe é lançada pela ideologia (ou a linguagem, segundo Judith Butler) parece particularmente pertinente e útil no contexto de uma reflexão sobre

<sup>112</sup> Louis Althusser, “Idéologie et appareils idéologiques d’État”, in *Positions*, Paris, Éditions Sociales, 1976, p. 66-126. Citação, p. 113-114.

<sup>113</sup> *Ibid.*, p. 114.

<sup>114</sup> *Ibid.*, p. 115.

<sup>115</sup> Pierre Bourdieu, *Le sens pratique*, seguido de *Trois études d’ethnologie kabyle*, Paris, Minuit, 1980.

a injúria e as forças sociais de que são portadoras as palavras de insulto. Pois a injúria é seguramente uma das formas mais notáveis (e mais concretas) daquilo que Althusser designa (metafórica e abstratamente) como “a interpelação”. Com efeito, Althusser lembra que a palavra “sujeito” [*sujet*] tem dois sentidos em francês: é, a um só tempo, “uma subjetividade livre, um centro de iniciativas, autor e responsável por seus atos” e “um ser sujeitado, submetido a uma autoridade superior, logo, desprovido de toda liberdade, exceto aceitar livremente a sua submissão”. Por isso, ele pode dizer que “o indivíduo é interpelado em sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do Sujeito, logo, que aceite livremente sua sujeição...”. Assim, só existe sujeito numa relação fundamental com a sujeição. Por isso é que Althusser pode dizer que “os sujeitos “andam sozinhos”<sup>116</sup>.

§ Certo, convém notar que Althusser fala aqui, primeiramente e antes de tudo, da divisão do trabalho entre as classes e do papel que nisso cabe aos indivíduos pela “ideologia”, como se estivessem naturalmente em seu lugar, ligando-os, assim, às funções sociais que lhes são destinadas. Mas é evidente que podemos transpor suas observações para outras realidades sociais, tais como a divisão sexual, a hierarquia entre os sexos e as sexualidades. A análise pode, então, servir de quadro teórico para compreender a eficácia da injúria: ela preenche a função, como na interpelação pelo policial, de uma injunção que atribui a alguém um lugar num espaço social sexualizado. Mas, no funcionamento real da linguagem e da vida social, não há sucessão temporal (sou injuriado e, então, reconheço-me como aquele que é visado por essa injúria). Pois a injúria preexistiu a mim. Estava ali antes de mim, e ela *sempre-já*, como diz tão bem Althusser, sujeitou-me às estruturas da ordem social e sexual que ela só faz exprimir e lembrar. Se os “sujeitos andam sozinhos”, isto é, se cada um parece aceitar o papel que lhe cabe na divisão dos sexos e das sexualidades tanto quanto na divisão de classes, não é porque a injúria seria dotada da força policial de uma coerção ao regimento que isso me atribuiria um lugar desvalorizado, mais ainda porque não são necessários policiais para que operários se dirijam todas as manhãs para o lugar de trabalho e de exploração. É porque o insulto e seus efeitos são apenas a parte visível da interpelação mais profunda que as estruturas sociais, mentais e sexuais já, e sempre-já, operaram sobre mim. A ordem social e sexual de que a linguagem é

<sup>116</sup> Louis Althusser, *Positions*, *op. cit.*, p. 121.

o veículo, e de que a injúria é um dos sintomas mais agudos, produz ao mesmo tempo o sujeito como subjetividade e como sujeição, isto é, como uma pessoa adaptada às regras e às hierarquias socialmente instituídas. Logo, a subjetividade *gay* é uma subjetividade "inferiorizada", não só por encontrar a situação inferior dada aos homossexuais na sociedade, mas, sobretudo, por ser produzida por ela: não há, de um lado, uma subjetividade que preexistiria e, do outro, uma impressão social que viria em seguida deformá-la. A subjetividade e essa marca social são apenas um: o "sujeito" individual é produzido pela interpelação, isto é, pelas estruturas cognitivas e, portanto, sociais de que ela é o vetor.

Assim, a homossexualidade não designa apenas uma classe de indivíduos definidos por preferências e práticas sexuais, mas também um conjunto de processos de "sujeição" que são tanto coletivos quanto individuais, na medida em que uma estrutura comum de inferiorização está em ação e que tem ainda mais força porquanto é a mesma para todos e, no entanto, sempre específica a cada indivíduo, que pode até crer, num dado momento da vida, que é o único a ser vítima disso.

Assim, o "sujeito" homossexual sempre tem uma história singular, mas essa própria história sempre tem relação com um "coletivo" que é constituído pelos outros "sujeitos" que são sujeitados pelo mesmo processo de "inferiorização". O homossexual nunca é um indivíduo isolado, até quando se acha só no mundo ou quando, depois de entender que não está, busca dissociar-se dos outros para escapar, precisamente, à dificuldade de se assumir como pertencente a esse "conjunto" estigmatizado, embora só a consciência reflexiva e crítica desse pertencimento possa permitir que ele se libere tanto quanto for possível fazer. O "coletivo" existe independentemente da consciência que dele podem ter os indivíduos, e independentemente da vontade destes. É esse pertencimento aceito e assumido que permite ao indivíduo constituir-se como "sujeito" de sua própria história.

§ Se cada homossexual sujeita-se a processos idênticos, que operam em referência às mesmas normas sociais e sexuais e produzem nas mentes e nos corpos os mesmos efeitos, e se, por conseguinte, um *gay* está sempre-já inscrito num coletivo que o compreende antes mesmo de a ele pertencer ou de saber ou de querer a ele pertencer, isso quer dizer também que todo gesto *gay*, toda participação, ainda que a mais longínqua, a mais distante, a mais secreta, na vida *gay*, põe qualquer homossexual em relação com todos os outros e com toda a história da homossexualidade e de suas lutas. Assim que entra num bar, assim que paquera num parque ou num lugar de encontro, assim que frequenta os lugares da sociabilidade *gay*, assim que

abre um livro que evoca experiências e sentimentos nos quais ele mais ou menos se reconhece (e, com frequência, é por isso mesmo que escolhe ler tal ou tal livro: senão, como explicar que os homossexuais leiam Proust, ou Genet, até quando não lêem nunca literatura?), um *gay* se liga a todos aqueles que cumprem esses mesmos gestos, no presente, mas também a todos aqueles que, no passado, criaram esses lugares, todos aqueles que os frequentaram antes dele, às tenacidades individuais e coletivas que os impuseram e os mantiveram contra a repressão, aos esforços e às coragens que foi preciso empregar para que existissem uma literatura e uma reflexão homossexuais<sup>117</sup>.

Ao passear em Londres no início dos anos oitenta, Neil Bartlett olha as fachadas do século XIX e pensa em todos aqueles homens que caminharam antes dele por aquelas mesmas ruas. Percebe que a cidade tem uma história, e que essa história é a dele: o que ele é hoje, outros inventaram para ele<sup>118</sup>. É igualmente o que exprime Nicole Brossard a respeito da experiência lésbica, ao evocar, em seu poema intitulado "Minha continente", a maneira como ela se liga a todas aquelas que escreveram antes dela: "Minha continente múltipla daquelas que assinaram: Djuna Barnes, Jane Bowles, Gertrude Stein, Natalie Barney, Michèle Causse, Marie-Claire Blais, Jovette Marchessault, Mary Daly, Adrienne Rich, Colette e Virginia, as outras afogadas..."<sup>119</sup>.

Seja consciente ou não, querida ou não, aceita ou não, a subjetividade de um *gay* é obsedada por um mundo e um passado que ele talvez ignore (jamais totalmente, exceto na infância), mas que funda um pertencimento coletivo que a visibilidade contemporânea só fez manifestar à luz do dia (afirmando-a, reafirmando-a, reformulando-a, organizando-a, e também defendendo-a contra todas as tentativas de apagamento que procuram fazer voltar as situações anteriores nas quais seria falso crer que esse "coletivo" não existia, embora fosse simplesmente menos visível e – talvez – menos consciente de si mesmo como "coletivo").

§ Se tudo o que foi dito anteriormente sobre a injúria definindo a relação de certos grupos de indivíduos com o mundo for verdade, isso ocorre evidentemente

<sup>117</sup> Sobre a história dessas microlutas de todos os instantes, de todos os dias, ver, por exemplo, os livros de John D'Emilio e Georges Chauncey, *op. cit.*

<sup>118</sup> Neil Bartlett, *Who Was that Man*, *op. cit.*, p. XXI-XXII.

<sup>119</sup> Nicole Brossard, "Ma continent", in *Amantes* seguido de *Le sens apparent* e *Sous la langue*, Montréal, L'Hexagone, 1998, p. 116.

porque essa estrutura da relação com a linguagem tem, como sublinha Judith Butler, uma validade geral: a linguagem “já” está ali para todo mundo e impõe a todos os indivíduos e a todos os grupos as estruturas cognitivas e os esquemas de percepção de que ele é o veículo – e, logo, a sujeição a esses esquemas e estruturas e às identidades psicológicas que eles contribuem para determinar e reproduzir. Já há linguagem quando chego ao mundo, como há papéis sociais que são designados por palavras, e principalmente por injúrias. Como diz justamente Sartre, que é aqui espantosamente próximo de Althusser (ou seu inverso), as “técnicas” e os “papéis” apoderam-se de nós desde a infância: “Quando o jovem Gustave Flaubert emerge da primeira idade”, escreve Sartre no início de *O idiota da família*, “as técnicas o aguardam. E os papéis”<sup>120</sup>. Não criamos o mundo a que chegamos; nele encontramos gestos, papéis sociais, crenças, ofícios, hábitos mentais, etc., que nos precederam. E na materialidade que nele encontramos, há a linguagem. Mas essa linguagem é portadora de representações, de hierarquias sociais e raciais, de “caracteres” e de “identidades” fabricados pela história e que preexistem aos indivíduos. E essa linguagem compreende injúrias, que marcam, fazem conhecer e lembram a hierarquia entre as “identidades”. As “técnicas” e os “papéis” de que fala Sartre com toda certeza são social, cultural, racialmente hierarquizados. O mundo é “insultante” por ser estruturado conforme hierarquias que trazem consigo a possibilidade das injúrias. Vemos bem isso no filme *Tongues Untied*, do poeta e videasta americano Marlon T. Riggs, em que ele conta o itinerário que o levou a se assumir, a um só tempo, como *gay* e como negro. Em seu caso, os insultos “formadores” da identidade pessoal designam dois pertencimentos a grupos estigmatizados: o adolescente negro submetido aos insultos dos brancos que o xingam de “crioulo” e o adolescente *gay* submetido aos insultos dos brancos e dos negros que o xingam de “viado”<sup>121</sup>.

§ É mais ou menos certo que os homossexuais, em sua maioria, ouviram proferir insultos homófobos antes de terem eles mesmos entrado na sexualidade e, por conseguinte, antes de terem sido o alvo possível, antes de terem alcançado a idade em que se pode saber que se é potencialmente destinatário dessa injúria.

<sup>120</sup> Jean-Paul Sartre, *L'Idiot de la famille*, t. 1, Paris, Gallimard, 1971, p. 11. A idéia de que o mundo e a linguagem nos precedem e se apoderam de nós, e que a liberdade humana consiste, portanto, em lhes dar um sentido, são temas principais da obra de Sartre.

<sup>121</sup> Marlon T. Riggs, *Tongues Untied*, 1986.

Isso é o que, deve-se notar, distingue a injúria sexual da injúria racista. Esta última, por exemplo, quando se trata da cor da pele, designa um “estigma” visível, ao passo que a primeira designa um “estigma” que não é dado – ou não é atualizado – desde o nascimento e pode, em seguida, ser dissimulado. É possível alguém esconder que é homossexual e, em todas as situações de repressão encarniçada contra os “desviantes sexuais”, muitos puderam escapar das malhas da rede dissimulando ou obliterando totalmente seu “ser homossexual”. Mais simplesmente, e mais correntemente, o casamento de “complacência” foi, para um grande número de homossexuais, o meio de escapar à suspeita e ao “estigma”. Por outro lado, é muito difícil alguém esconder que é negro. Mais ainda: é possível, entre 10 e 15 anos de idade, alguém não saber que é – ou que será – homossexual, mas, aos 10 anos, quem é negro sabe disso e, desde a primeira infância, experimenta todos os dias o que isso significa em sociedades ocidentais, raramente isentas de todo o racismo. No entanto, por mais importante que seja, essa diferença não é absoluta. Porque um jovem negro pode ignorar que é “negro” antes de ser confrontado com a violência do preconceito racial<sup>122</sup>. Mas também, ao contrário, porque para muitos homossexuais (ao menos para aqueles que o são desde a mais jovem idade) há correlação entre o aprendizado da existência dos insultos e a consciência confusa de que é si mesmo aquilo que está em questão na fala de injúria. Um menino pode saber aos 10 anos – sem sabê-lo de verdade, mas sabendo-o de qualquer modo – que a palavra “viado” não está longe de designá-lo, e que um dia, seguramente, o designará (daí o mal-estar, o horror, com frequência, de ter de compreender isso de modo cada vez mais preciso à medida que os anos passam e de ter de admiti-lo e, mais ainda, de admitir que os outros também sabem disso).

Entretanto, podemos mencionar outras diferenças. Por exemplo, um jovem negro tem todas as chances de viver numa família negra e, portanto, ser apoiado, na medida em que é vítima do racismo, pelo meio familiar, ao passo que um jovem homossexual tem pouquíssimas chances de viver numa família *gay* ou lésbica, e o estigma ou a injúria que lhe são enviadas pelo mundo exterior atravessam igualmente o meio no qual ele vive. Deve, na maior parte do tempo, dissimular aos “seus” tanto quanto aos “outros”, e o “racismo” de que é vítima é inerente à sua

<sup>122</sup> Como mostram certas cenas do romance de Zora Neale Hurston, *Their Eyes Were Watching God* [1937], Nova York, HarperPerennial, 1990. Ver também as notas de Frantz Fanon, *Peaux noires, masques blancs*, Paris, Seuil, [1952], coleção “Points”, 1975, p. 88: “Enquanto o negro estiver em casa, ele não terá de experimentar seu ser para outro”.

vida familiar tanto quanto à sua vida exterior: “Raça sobre a qual pesa uma maldição”, escreve Proust numa passagem célebre, “e que deve viver na mentira e no perjúrio, já que sabe ser considerado punível e vergonhoso, por inconfessável seu desejo [...]; filhos sem mãe, à qual são obrigados a mentir a vida inteira e até na hora de fechar-lhe os olhos”<sup>123</sup>. O que engendra nos jovens *gays* uma certa prática do silêncio, da dissimulação, e talvez produza traços psicológicos muito particulares pelos quais os homossexuais puderam ser definidos na literatura e no cinema (sorrateiros, mentirosos, traidores), que remetem, é claro, à percepção homófoba da homossexualidade, mas também a certas realidades produzidas pela homofobia e a dissimulação de si que ela implica, e que seria absurdo querer negar. Em todo caso, as infâncias *gays* e lésbicas são fundamentalmente cheias de segredos, e isso não pode deixar de ter efeitos profundos e duráveis na personalidade deles.